

ENCONTRO REFLEXIVO: O OLHAR DE UM GRUPO DE MÃES PARA SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS FAMILIARES

Heloisa Szymanski – PUC/SP
Fernanda Santini Franco -PUC/SP
Marian Vezneyan - PUC/SP
Sandra Marangoni Ferraz - PUC/SP

Resumo

Esse trabalho teve como objetivo compreender a proposta de “Encontros Reflexivos” a partir da apresentação e análise de um grupo de mães realizado nesse formato para a discussão de suas práticas psicoeducativas. Os encontros reflexivos são estruturados na proposta de entrevista reflexiva de Szymanski (2002) e a intervenção relatada faz parte de um projeto mais amplo que já acontece em uma comunidade de baixa renda de São Paulo. A partir da análise desse grupo, foi possível perceber que o encontro reflexivo mostrou-se como uma prática que, baseada na abordagem fenomenológico-existencial e nas idéias de Paulo Freire, se constituiu como um espaço privilegiado para a construção de saberes coletivos através do diálogo e reflexão. A análise do grupo de mães evidenciou alguns aspectos fundamentais desse tipo de trabalho, tal como a importância da adoção de um olhar livre de pré-conceitos e a flexibilidade na condução do grupo, de forma a possibilitar o desvelamento e a troca de experiência pelos participantes.

Palavras-chave: Família e Práticas Educativas, Encontros Reflexivos, Educação e Diálogo.

Abstract

This study aimed to discuss the "Reflective Meetings" through the presentation and analysis of mother's group held in this format to debate their psycho-educational practices. The meetings are structured in the reflective interview proposal from Szymanski (2002) and the intervention reported is part of a larger project that already happens on a low income community in São Paulo. The analysis of this group showed that the reflective meeting is a practice that, based on the existential-phenomenological approach and the ideas of Paulo Freire, constitutes a privileged space to construct collective knowledges through dialogue and reflection. The analysis of the mother's group showed some fundamental aspects of this kind of work, such as the importance of adopting a view free of preconceptions and flexibility in conducting the group in order to enable the disclosure and exchange of experience by the participants.

Keywords: Family and Educational Practices, Reflective Meetings, Education and Dialog.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem a finalidade de apresentar a proposta de encontros reflexivos como prática de pesquisa e de intervenção psicoeducativa, desenvolvida por um grupo de pesquisa, junto a mães de uma comunidade de periferia localizada na Zona Norte de São Paulo. Tal proposta faz parte de um projeto mais amplo iniciado em 1993 com o intuito de trabalhar junto às famílias, a partir de uma abordagem fenomenológica-existencial e das idéias de Paulo Freire.

Quando falamos em uma abordagem fenomenológica-existencial estamos nos referindo a um modo de compreender o homem e o mundo e de uma atitude, decorrente dessa compreensão. A fenomenologia, que se constituiu como ciência do rigor a partir do pensamento de Edmund Husserl, instaurou uma ligação homem-mundo e direcionou o olhar àquilo que se mostra a partir dessa inseparabilidade entre sujeito e objeto. Abriu caminho, portanto, para

aquilo que o filósofo, diferenciando da atitude natural, chamou de atitude fenomenológica. A atitude natural se refere a tomar “(...) como objeto tanto a coisa que se torna objeto para o sujeito, quanto a consciência que opera as relações desse conhecimento” (BICUDO, 2005, p.23) enquanto a atitude fenomenológica considera que toda manifestação do fenômeno é dependente da consciência, sendo que essa deve ser entendida como intencionalidade.

Dessa concepção, decorre a idéia de que a fenomenologia busca ir à coisa mesma, da forma como ela se manifesta. Assim, o que se quer compreender, não está além de sua manifestação, mas exatamente nela e quando se mostra, traz também sua facticidade e transcendência. De acordo com Bruns (2005) a fenomenologia que dirige seu interesse à contemporaneidade humana, considera o “(...) emaranhado de toda trajetória histórica de nossa civilização que se sobrepõe a nossos desejos, ao mesmo tempo em que o reconhece como um ser de possibilidades de eleger caminhos, correr riscos e assumir responsabilidades (...)” (BRUNS, 2005, p.70).

Da mesma forma, a proposta de educação libertadora de Paulo Freire também inspira esse trabalho desenvolvido na comunidade e junto às famílias. É precisamente em nome de uma sociedade mais justa, onde não existam opressores e oprimidos, que Freire desenvolve uma concepção de educação transformadora e libertária, possível se construída coletivamente, cujo ponto de partida é o respeito ao saber do outro.

Freire afirma que enquanto prática social, a educação é fenômeno típico da existência humana, portanto é histórica. Tal afirmação, como toda a obra do autor, revela que não há neutralidade ou determinismo e que a educação e seus atores adotam, admitindo ou não, um posicionamento frente a realidade social, cultural, política e econômica, estando a favor ou contra as ideologias que permeiam cada sociedade em diferentes tempos históricos. Por esta razão, educar é uma ação político-pedagógica e uma forma de intervenção no mundo e na realidade, pois pode reproduzir a ideologia dominante e opressora ou posicionar-se contra através de uma prática problematizadora, junto aos grupos, que contribua com a conscientização crítica e transformação da realidade histórica e social, no qual estão inseridos. O caráter problematizador, que gera consciência crítica, surge a partir do diálogo que se apresenta como caminho pelo qual os homens se compreendem enquanto homens, estabelecendo relações mais éticas e justas com o mundo e com outros homens (FREIRE, 1997). Isso se explicita quando o autor afirma que:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere (FREIRE, 1997, p.60)

Através do diálogo é possível refletir sobre o vivido, num movimento de ação-reflexão, denominado por Freire de práxis. Isto é significativo, visto que conhecer, para o autor, não é um ato passivo do homem frente ao mundo, é antes de tudo conscientização, envolve intercomunicação, intersubjetividade, que pressupõe a educação dos homens entre si, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1983).

Assim, no campo da educação, e especificamente nos encontros reflexivos com o grupo de mães, o diálogo assume um aspecto essencial de respeito às vivências dos participantes, a seu cotidiano e à visão de mundo. Esses encontros podem ser compreendidos como momentos de trocas e de abertura frente às experiências do outro, através do diálogo. Uma das principais características desse diálogo verdadeiro, proposto por Freire, é a questão da horizontalidade. Não se trata de falar para, mas falar com, num autêntico ato de reciprocidade, abertura e partilha. Abrir-se ao mundo e aos outros é inaugurar a relação dialógica, inquieta, curiosa, dinâmica e inconclusa (FREIRE, 1997).

Nessa perspectiva, desde o início do trabalho realizado na comunidade em questão, adotamos a postura de abertura ao que fazia sentido aos participantes e ao modo como podiam se mostrar a cada momento. Isso possibilitou algumas mudanças ao longo dos anos como, por exemplo, no início o convite para participarem de reflexões sobre as práticas educativas, era feito às famílias, mas com o passar do tempo, observou-se que havia uma presença maior das

mulheres e os poucos homens que vinham, quase não se pronunciavam. Diante dessa necessidade, deu-se início em 2004, aos encontros reflexivos com pais homens e com mães, separadamente.

Esse trabalho, seja com o grupo de mães ou de pais homens, parte da premissa de que é na família e através da convivência familiar, que os seres humanos sobrevivem, se socializam, se educam e podem se desenvolver. Ao mesmo tempo, ao compreendermos a família enquanto uma instituição histórica e socialmente construída, somos levados a considerar que a responsabilidade de educar os filhos não é algo inato ou natural e sim algo que socialmente foi sendo imposto e cobrado das famílias.

Até o século XVI a família existia enquanto instituição política e não como espaço doméstico. Nesse contexto, a família era um grande espaço de sociabilidade no qual as relações eram fixas, hierarquizadas e comandadas pelo chefe de família. Além disso, a infância não existia tal como a concebemos hoje e as crianças eram tidas como adultos em miniatura (ARIÈS, 1981). Com a consolidação da burguesia, nos séculos XVI e XVII, e distinção entre o que era considerado espaço público e privado, a família deixa de ser um espaço amplo de relações e passa a ser concebida enquanto uma relação conjugal, isto é, composta pelo grupo de parentesco constituído pelo casal, unido por livre escolha e amor. Esta concepção de família burguesa foi fortemente difundida e apoiada pelos discursos científicos, médicos e jurídicos que estabeleceram a desigualdade entre os gêneros, postulando que as mulheres eram fisicamente frágeis, delicadas, submissas e afetivas, devendo ser mães e esposas devotadas, enquanto os homens, que eram fisicamente fortes, dominantes, vigorosos e racionais, deveriam ser responsáveis por prover material e moralmente a família.

Esta família idealizada, sob os pilares burgueses e cristãos, estabeleceu a visão sacralizada em torno das famílias, onde o casamento era indissolúvel e deveria garantir a procriação. Ariès (1981) aponta que após a Segunda Guerra Mundial, a dicotomia entre o papel feminino, entendido como privado e menos importante, e o masculino, tido como público e mais importante, se acentuou ainda mais, estabelecendo um modelo de funcionamento familiar e papéis a serem desempenhados. Em nossa cultura, esse modelo nuclear instalou-se poderosamente e constitui o que se pode chamar de “família pensada” (SZYMANSKI, 1995).

Por outro lado, o que se vive cotidianamente na família, nem sempre corresponde ao que é preconizado pelo modelo idealizado. Existem diferentes arranjos familiares, diferentes formas de viver em família e lidar com conflitos e várias possibilidades de trocas afetivas e intimidade no ambiente familiar que constituem a “família vivida” (SZYMANSKI, 1995). De acordo com a autora, além de ser um fenômeno construído historicamente e socialmente, a família também se apresenta como *locus educacional*. Além disso, pode estar comprometida com mudanças na sociedade e para tal, precisa ser compreendida como objeto de atenção educacional e os trabalhos desenvolvidos junto as mesmas devem ser coerentes com uma visão libertária de mundo, contemplando as famílias concretas, com suas características, valores, possibilidades e dificuldades enfrentadas na educação dos filhos (SZYMANSKI, 2000).

Foi considerando essa família concreta, que foi formulada a proposta de encontros reflexivos para compreender suas práticas educativas.

ENCONTROS REFLEXIVOS

O encontro reflexivo pode ser compreendido como uma estratégia de investigação que se destina a oferecer um espaço de atenção psicoeducativa e tem como base a proposta de entrevista reflexiva desenvolvida por Szymanski (2002). É constituído com a participação voluntária de pessoas interessadas nessa reflexão, que sugerem temas pertinentes a educação dos filhos e aos desafios encontrados. Como a participação é livre, existe a possibilidade de cada grupo ser formado por diferentes participantes.

Frente aos temas solicitados, os pesquisadores organizam o modo como serão abordados, pensando em estratégias para favorecer o diálogo e a reflexão. Assim, retomam o último encontro, bem como o tema solicitado. Assim, numa postura fenomenológica que busca compreender o que se revela e, também, de horizontalidade, isto é, de respeito ao saber do outro, são realizadas atividades de aquecimento em que se privilegiam vivências,

dramatizações, discussões em grupo, jogos coletivos, entre outros. Esse momento tem por objetivo despertar experiências relativas ao tema que será discutido e criar uma atmosfera que facilite a narrativa dessas situações. É essa vivência que permitirá a construção de um saber coletivo sobre o tema, a partir do diálogo, discussões e reflexões que são suscitadas.

Terminado esse momento, os pesquisadores fazem uma síntese do que foi discutido e abrem novamente ao grupo para que expressem impressões ou dúvidas que tiveram. Por fim, perguntam ao grupo que temas sugerem ao próximo encontro.

METODOLOGIA

Antes de explicitar a metodologia fenomenológica adotada neste trabalho com o objetivo de apresentar a proposta de encontro reflexivo, é importante assinalar que a abordagem fenomenológica enraizada em Husserl já está presente nas próprias diretrizes para a realização dos encontros reflexivos, pois a postura dos pesquisadores e o modo de compreender as falas dos participantes têm esse olhar como referência.

A partir desses mesmos fundamentos, buscou-se analisar um encontro reflexivo, como possibilidade de intervenção a partir de um grupo composto por 6 pesquisadoras e 11 mães, realizado em 08 de novembro de 2009.

O grupo que será descrito e analisado faz parte de uma série de encontros reflexivos com as mães que acontecem aos domingos, no período da tarde duas vezes ao ano, sendo um no primeiro semestre e o outro no segundo. Dependendo da necessidade do grupo, ele pode ocorrer mais vezes. A opção pelo dia e horário é uma escolha das mães como sendo o melhor para elas. Já a opção pelas datas dos encontros é uma decisão da instituição que precisa considerar o calendário.

Os encontros reflexivos são abertos a todas as mulheres da comunidade, porém a maioria das participantes são as mães das crianças e adolescentes de um Centro de Educação Infantil, um Centro Comunitário e uma Escola Municipal de Educação Infantil, sendo que essa última mantém parceria com os projetos da comunidade. Quando a mãe não pode comparecer, geralmente solicita que algum parente – avó, tia, madrinha - participe. Se alguma criança estiver presente, uma das pesquisadoras se responsabiliza por ficar com ela desenvolvendo atividades lúdicas em outra sala a fim de garantir que as mães participem tranquilas do encontro.

Antes de iniciar a proposta propriamente, as pesquisadoras solicitam a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa e a autorização para a gravação do encontro. O que será analisado nesse trabalho foi gravado e transcrito dando origem a um texto-síntese caracterizado como uma narrativa detalhada do encontro.

Para apreender o sentido da experiência foram realizadas diversas leituras do texto, buscando-se estabelecer unidades de significados que caracterizaram constelações. O termo ‘constelação’ substitui o termo ‘categoria’ e serve melhor à proposta desse trabalho, pois, segundo Szymanski (2004), possibilita arranjos mais variados, já que os fenômenos podem se mostrar de diversas maneiras.

Nesse trabalho, será apresentada uma descrição do encontro reflexivo¹ e a análise das constelações estabelecidas.

O ENCONTRO COM AS MÃES

No encontro anterior, os temas solicitados para serem discutidos foram:

- ✓ Como lidar com a birra?
- ✓ Como devemos agir quando os filhos escutam e dançam o funk?
- ✓ Como educar para a cidadania?
- ✓ Como lidar com dificuldades de aprendizagem?
- ✓ Como falar com os filhos de um jeito que você seja respeitada?

¹ A descrição foi realizada a partir do texto-síntese, mas foi encurtada com o objetivo de atender ao formato deste trabalho e respeitar o sigilo de informações que pudessem identificar os participantes.

Ao iniciarmos o planejamento desse encontro, percebemos que os temas solicitados pelas mães, estavam relacionados com a formação de seus filhos. Além disso, havia uma demanda por autoridade, na perspectiva do diálogo, que se explicitava no último tema proposto: *Como falar com os filhos de um jeito que você seja respeitada?*

Em função da presença constante dos pesquisadores na comunidade, já se sabia de um problema em relação à ocupação de uma praça para a realização de bailes funks e que tal fato preocupava bastante as famílias. Assim, consideramos que a discussão sobre esse assunto poderia ser mobilizadora para dar início à reflexão.

Desta forma, foram estabelecidos como objetivos específicos desse encontro:

- ✓ Permitir a criação de alternativas para exercer a autoridade na perspectiva dialógica.
- ✓ Permitir a compreensão de diálogo como escuta e, nesse caso, é necessário escutar ‘o que é o funk para seus filhos’.
- ✓ Levantar possibilidades de exercer sua autoridade materna utilizando-se dos próprios saberes.

No dia marcado, estavam presentes 6 pesquisadores e 11 mães, que iniciaram falando seus nomes e a idade de seus filhos. Foram retomados os temas que haviam sido apontados para esse encontro e foi solicitado que contassem sobre como é a presença do funk na comunidade.

As mães pontuaram que o que incomoda no funk é o vocabulário, o uso de palavrões, os gestos obscenos da dança e o estilo da roupa. Contaram também, que esse tipo de música invade as casas, pois os vizinhos colocam o rádio em um volume muito alto. Uma das participantes, relatou que seu filho de 15 anos, que escuta funk, “protege” a irmã de 5 anos, evitando que ela ouça as músicas. Nesse momento, perguntamos se todas sentiam que era necessário proteger os filhos dessa influência e elas responderam que sim. Uma das mães acrescentou que podem proteger os filhos com muito diálogo e conversa. Disse que o dialogar não pode ser uma atitude esporádica, pois é algo que deve ser feito todo dia já que acredita que com criança não adianta dizer só uma vez.

Outra participante relatou que um dia, a filha pediu para ir ver o funk da praça. Ela permitiu, pois sua prima se comprometeu em levá-la. Por volta da 1 hora da manhã a filha chegou dizendo que “era coisa de louco” (sic), que nunca tinha visto tanto adolescente se drogando, dançando “até o chão” (sic), que era muito feio e que até então não sabia que o que a letra da música falava era o que acontecia mesmo. Disse à mãe que não queria mais ir. As mães continuaram expondo suas impressões e preocupações, dizendo que o que acontecia era muito sério, que até sexo ao vivo já tinham visto.

Após esses relatos, foi sugerido que representassem duas cenas abordando o tema funk: uma envolvendo uma criança e outra, um adolescente. Todas concordaram e iniciou-se a escolha de quais participantes iriam representar a criança, a adolescente e as mães.

Por sugestão do grupo, a cena começou com a “criança” dançando funk e a mãe querendo impedi-la. Ao longo da cena, a “criança” insistia que queria ouvir a música e dançar, enquanto a “mãe” tentava argumentar que aquele tipo de música “era pra gente grande” e pedia para a criança parar: “para! para!” (sic). A “criança” continuou insistindo, “bateu o pé” e a “mãe” desistiu de argumentar. Nesse momento, as pesquisadoras abriram para a participação de outras protagonistas e uma das participantes desejou entrar em cena no papel de “mãe”. Esta por sua vez, também abordou a questão da pouca idade e tentou convencer a filha de que ela não deveria ouvir o funk. Por outro lado, ao final dessa apresentação o grupo destacou que nessa cena houve mais diálogo, pois a “mãe” sentou ao lado da filha e olhou nos olhos, enquanto conversavam e que isso era muito importante.

Algumas mães falaram sobre a dificuldade de fazerem isso e que muitas vezes tentam conversar sem deixar de fazer o que estão fazendo, como, por exemplo, lavar a louça. Ao final da discussão em torno dessa cena, o grupo ressaltou que o diálogo não é uma solução imediata, mas sim, a longo prazo e que o resultado só dá para ver depois de muito tempo.

A cena envolvendo adolescente retratou conflitos e interesses diferentes: o adolescente que quer participar, estar com seu grupo, que está curioso em relação a sexualidade etc. E a mãe, que desaprova o funk e os comportamentos que ele suscita. Ao final dessa apresentação, observou-se que a “mãe” fez um acordo com seu filho e disse: “Não é da minha vontade você ir;

mas se você quer ir, a mãe vai deixar” (sic).

Durante a discussão dessa cena, o grupo pontuou que não adianta querer proibir e que é importante estabelecer um vínculo de confiança com os filhos, para que eles não mintam, não façam as coisas de forma escondida e nem se prejudiquem. Relataram também que é importante saber quem são os amigos de seus filhos e quais os lugares que frequentam, argumentando que uma boa estratégia é convidar os amigos para que venham em casa e tenham um espaço de convivência.

Ao final, foram retomados os aspectos que motivaram o início da reflexão, tais como: Como é que se lida com o funk? Como é que se protegem os filhos? O grupo disse que é através do diálogo e retomaram diversos pontos abordados naquele dia: o ouvir, poder dar soluções e opções, estar junto com o outro, sentar e olhar no olho da criança ou do adolescente, arrumar um tempo para falar e ouvir, mostrar interesse pelo que as crianças fazem durante o dia, dizer o não e explicar porque não pode, parar para pensar, tentar entender a opinião do outro e dar limite.

A COMPREENSÃO QUE SE DESVELOU

A partir do processo de análise, foram formadas as seguintes constelações:

PROTEÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - As mães narraram condições de vida em que as crianças ficam desprotegidas, expostas desde cedo ao sexo, ao uso de drogas, e a uma linguagem inapropriada para crianças. Diante desse contexto, as mães sentem que precisam proteger seus filhos através do diálogo e auxílio da família e comunidade.

DIÁLOGO - Consideram que o diálogo acontece quando a mãe está presente e consegue se colocar no lugar do filho para falar com ele.

CONSEQUÊNCIAS DO NÃO DIÁLOGO - As participantes narraram situações que conheciam em que os pais tentaram controlar os filhos lançando mão de recursos como proibição e ameaça. Nesses casos, em que se estabeleceu uma relação de autoritarismo e não de autoridade, identificaram consequências muito negativas como o afastamento da família, acidentes e até mesmo suicídio.

O DIÁLOGO COMO PRÁTICA - Apontaram o diálogo como uma das principais estratégias de intervenção e preparo para a vida na comunidade. Consideraram a proibição como uma ação educativa ineficiente na maior parte das vezes. Demonstraram que a eficácia na educação dos filhos requer assumir o diálogo como uma prática contínua.

SEXUALIDADE - As mães relataram diversas situações no espaço público em que referências sexuais estão presentes, através de gestos, roupas, linguagem e comportamento. A situação trouxe uma vivência da sexualidade não aprovada.

SOLUÇÕES POSSÍVEIS - Para educar, as mães consideraram importante: o ouvir, poder dar soluções e opções aos desejos dos filhos, estar junto com eles, sentar e olhar no olho da criança ou do adolescente, arrumar um tempo para falar e ouvir, mostrar interesse pelo que as crianças fazem durante o dia, dizer ‘não’ e explicar o porquê, tentar entender a opinião do outro e dar limite.

Em síntese, as constelações formuladas nos permitiram perceber, inicialmente, um cotidiano repleto de situações que expõem as famílias à vulnerabilidade e influenciam na falta de controle de situações opressoras. Diante desse contexto, as mães narraram estratégias de proteção que incluem pedir auxílio a filhos mais velhos, ao marido e a comunidade com a finalidade de preparar a criança para enfrentar essa realidade. Existe uma preocupação em se reeducarem para poder educar melhor e assim preparar os filhos para que consigam desenvolver

uma consciência crítica e se manterem afastados daquilo que as mães consideram como negativo.

Ao longo do encontro, a partir das trocas estabelecidas com outras mães encontraram soluções para lidarem com suas queixas. Consideraram fundamental evitar a proibição por meio de uma postura autoritária e buscar no diálogo uma aproximação dos filhos que permite orientá-los em relação aos perigos encontrados no cotidiano.

A ação das mães de buscarem soluções nos relatos do grupo evidencia o que Freire diz sobre a função educativa. Em sua visão esta não consiste em transmitir o mundo, mas criar um conhecimento do mundo através do diálogo, permitindo que o homem reconheça seu próprio caráter de sujeito histórico e transformador de si e da realidade. O diálogo permite a troca de experiência e nessa relação de compartilhar o vivido numa postura de horizontalidade, as mães aprenderam umas com as outras um modo diferente de lidar com os diversos desafios que o cotidiano apresenta (FREIRE, 1983).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na vivência de um encontro reflexivo, buscou-se evidenciar alguns aspectos fundamentais dessa proposta de trabalho, bem como explicitar sua viabilidade e rigor a partir de uma experiência vivida. Considerou-se importante, neste tipo de intervenção, a possibilidade de oferecer um espaço de construção coletiva no qual o diálogo e a reflexão auxiliem na percepção de novas estratégias para lidar com conflitos cotidianos.

Ao permitir que o grupo solicite o tema que deseja discutir e realizar um planejamento flexível espera-se propiciar um desvelamento do fenômeno investigado para além daquilo que se sabe teoricamente. A partir de uma abertura para a experiência do outro, estabelecem-se um diálogo em que papéis como o de mãe, muitas vezes naturalizado, se revelam de outras maneiras. Nesse processo, após a finalização de cada encontro, a análise contribui para que ocorra uma aproximação do sentido da experiência narrada, pois toma como ponto de partida a fala do outro.

No encontro com as mães esse tipo de prática permitiu explicitar preocupações e desafios no processo de educação dos filhos, mas também soluções pertinentes àquela realidade relatada. As mães consideraram, por exemplo, o funk e tudo o que o acompanha – sexo, drogas, palavrões – como algo que contribui de forma negativa com a formação de seus filhos. Entretanto, apontaram o diálogo como um caminho para educar e reconheceram que não devem agir por meio da proibição e da ameaça.

Para que esse saber se revelasse, outro aspecto fundamental foi a adoção, por parte dos pesquisadores, de uma postura de horizontalidade em que se valoriza o saber do outro sobre sua experiência. O encontro reflexivo baseado na abordagem fenomenológico-existencial e nas idéias de Paulo Freire possibilita compreender o outro a partir de um olhar que considera o homem em sua condição de inseparabilidade do mundo e dos outros, procurando livrar-se de pré-conceitos. Como afirma Freire (1997), a problematização que ocorre através do diálogo gera consciência crítica e se mostra como caminho possibilitando que os homens se compreendam enquanto seres que estabelecem relações éticas, justas com o mundo e com o outro.

Desta forma, por meio da descrição, dramatização e diálogo, conduzido sem a proposta de se avaliar moralmente a conduta das mães, pôde-se realizar uma reflexão coletiva a respeito das diferentes indagações trazidas por elas e algumas conclusões a respeito da educação dos filhos foram tomadas pelo grupo.

Em síntese, foi possível desvelar que as mães construíram um saber a respeito da maneira que consideram mais digna e humana de realizar suas práticas educativas: olhar nos olhos, dialogar sobre o assunto em questão, ouvir, demonstrar interesse e, quando possível, acompanhá-los no local que desejam conhecer. Dialogar com eles sobre suas curiosidades,

estabelecer um limite entre os desejos dos filhos e o cuidado que consideram necessário ter para protegê-los, assumir uma postura de autoridade que age através do diálogo, da escuta e do colocar-se no lugar dos filhos.

BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, P. História social da criança e da família. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRUNS, M.A.T. A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses entre a subjetividade e a objetividade. IN: BRUNS, M.A.T; HOLANDA, A.F. (orgs.) *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ômega Editora, 2005.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. 6ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. Pedagogia do Oprimido. 13ª. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

RICOEUR, P. *Teoria da interpretação – o discurso e o excesso de significação*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1976.

SZYMANSKI, H. et. al. (orgs) A família contemporânea em debate São Paulo : EDUC : Cortez, 1995.

_____. A relação família/escola: desafios e perspectivas. Brasília: Plano, 2003.

_____. A família como locus educacional. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 81, n. 197, jan./abr. 2000.

_____. A prática reflexiva em pesquisas com famílias de baixa renda. *Anais do II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos*. A pesquisa qualitativa em debate. 25 a 27 de março de 2004. Bauru, USC. Disponível em: <http://www.sepq.org.br/IIsepeq/anais/pdf/gt1/06.pdf>. Acesso em 06 set 2009.

SZYMANSKI, H.; ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R.C.A. A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002.

Heloisa Szymanski hszymanski@uol.com.br
Fernanda Franco fernandasantini@gmail.com
Marian Vezneyan marianvezneyan@yahoo.com.br
Sandra Marangoni Ferraz sandra_marangoni@ig.com.br